

[101]

OS SISTEMAS IDEALISTAS POST-KANTIANOS

(Copleston - Bréhier)

Como pode surgir o idealismo metafísico do sistema de um pensador cujo nome ficou associado a um ceticismo em relação às pretensões metafísicas de um conhecimento teórico sobre a realidade como um todo ou de qualquer conhecimento realidade que não seja a estrutura *a priori* do conhecimento e a experiência humana? Para ver o desenvolvimento do idealismo alemão a partir da filosofia crítica, partimos da noção kantiana da coisa em si: por um lado, a afirmação da coisa em si é exigida como causa ou do elemento dado ou material da sensação; por outro lado, o conceito de causa não pode ser empregado para entender o nosso conhecimento para além da esfera dos fenómenos. Kant teria mantido a “coisa-em-si” como noção problemática e limitadora, entidade oculta incognoscível, independente do espírito.

A filosofia crítica deve transformar-se em idealismo consistente e, portanto as coisas, na sua totalidade, em produto do pensamento. Ao nível da consciência vulgar encontro-me em num mundo de objectos que me afectam de variados modos e que eu, espontaneamente, penso que existem independentes do meu pensamento e da minha vontade. O filósofo idealista deve suspender em nível da consciência e expor o processo da actividade inconsciente que a fundamente. Mas ainda mais: a produção do mundo não deve interpretar-se atribuir-se de forma alguma a um eu individual <finito>, mesmo à sua actividade inconsciente; de outra forma não fugiria ao solipsismo, posição esta insustentável. Logo, o idealista post-kantiano é obrigado a ir para além do eu individual, do sujeito finito, para uma inteligência supra-individual, para um sujeito absoluto.

Que significa sujeito neste registo: apenas quer indicar que o princípio produtor último se encontra, por assim dizer, do lado do pensamento. Considerado em si mesmo, o princípio último não tem objecto: é o fundamento da relação sujeito-objecto e em si mesmo transcende esta relação. É identidade [103] do sujeito e do objecto, é a actividade infinita de que procedem ambos.

O idealismo post-kantiano é uma metafísica. Fichte, cronologicamente o primeiro idealista, partiu da situação de Kant e converteu o eu transcendental de Kant num princípio metafísico, explicando que este eu absoluto não era o eu finito individual. Outros idealistas, por exemplo, Hegel não tomam a palavra «eu» neste sentido. Para Hegel, o princípio último

é a razão infinita, o espírito infinito e para o idealismo metafísico em geral a realidade é o processo de autoexpressão ou automanifestação do pensamento ou razão infinita.

Dizer que a realidade é um processo de automanifestação do pensamento não significa reduzir o mundo a um processo de pensamento no sentido habitual. O pensamento ou razão absoluta é considerado como uma actividade, como uma razão produtora que se expressa a si mesma no mundo. O ideal metaf. O mundo conserva toda a realidade que vemos que possui. O idealismo metafísico não implica a [104] tese de que a realidade empírica esteja constituída por ideias subjectivas; antes supõe a visão do mundo e da história humana como a expressão objectiva da razão criadora.

Este era o processo de transformar o criticismo kantiano em idealismo. Tratando-se agora de explicar o que significa dizer que a realidade é um processo do pensamento criador, temos diferentes interpretações conformes às diferentes visões particulares dos filósofos idealistas. Assim, pelo facto de Fichte estar sob a influência directa de Kant, a influência deste autor foi mais forte em Fichte do que em Schelling e Hegel. Schelling pressupunha os primeiros passos do pensamento de Fichte e o idealismo absoluto de Hegel, Fichte e os primeiros passos de Schelling. Mas visto globalmente o idealismo alemão pressupõe a filosofia crítica.

[105] Vimos que o idealismo alemão levou a filosofia de Kant ao idealismo metafísico, graças à eliminação da «coisa em si». Todos eles os filósofos idealistas estão de acordo com a eliminação da coisa em si; mas foram influenciados por outros aspectos do pensamento kantiano. Por exemplo, o primado kantiano da razão prática teve grande influência no pensamento de Fichte. Aí, o eu absoluto vem interpretado como uma razão prática ou vontade moral infinita, concebendo-se a natureza como campo ou instrumento de actividade moral. De certa maneira, Fichte converteu em metafísica a Crítica da Razão Prática servindo-se da Crítica da Razão Pura para o conseguir. Schelling, pondo em evidência a filosofia da arte, o papel desempenhado pelo génio, o significado da intuição estética e a criação artística está mais ligado à kantiana crítica do juízo.

[106] A transformação da filosofia kantiana numa metafísica da realidade implicou alterações importantes. Com a eliminação da coisa em si o mundo converte-se em automanifestação do pensamento ou da razão e, portanto, a distinção entre a priori e a posteriori perde o seu carácter absoluto. As categorias deixam de ser formas subjectivas da compreensão humana para se transformarem em categorias do real, recuperando a objectividade.

O juízo teleológico já não é subjectivo como em Kant, visto q<ue> num idealismo metafísico a ideia de finalidade da natureza não pode ser um princípio heurístico ou regulador do espírito humano. A natureza transforma-se na expressão do pensamento ou razão no seu movimento para um fim; deverá possuir carácter teleológico.

Os idealistas post-kantianos não foram idealistas subjectivos, no sentido de sustentar que o espírito humano só conhece as suas próprias ideias como distintas **[107]** das coisas existentes extramentalmente. Nem foram idealistas subjetivos por defenderem q<ue> todos os objectos são produtos do suj<eito> humano finito. Já vimos que, mesmo Fichte ao usar o eu como primeiro princípio, sujeito produtivo, não se referia a um eu finito como tal, mas a um eu absoluto, princípio transcendental e supra-individual. O mesmo em Shelling, como em Hegel, em q<ue> as coisas não se podem reduzir a produtos do espírito individual finito.

A realidade, no idealismo alemão, é considerada, como já vimos, como a auto-expressão do pensamento absoluto ou razão. E daí q<ue> haja nele uma grande tendência a assimilar a relação causal à relação lógica da implicação, <sto> é, de fazer depender o mundo empírico dos princípio produtivo último como o conseqüente depende do antecedente e portanto o mundo provém necessariamente do princípio produtivo. O Absoluto manifesta-se espontaneamente **[108]** e inevitavelmente no mundo. A criação no tempo e livre não tem lugar.

A noção da realidade como autoexplicação da razão obriga à filosofia como sistema, pois a filosofia é a reconstrução, por reflexão, da estrutura de um processo racional dinâmico; a filosofia deve ser sistemática pois deve começar pelo primeiro princípio e mostrar a estrutura universal da realidade como partindo desse princípio. Quer dizer, o filósofo, no plano do conhecimento reflexivo vai viver de novo o processo da automanifestação da razão absoluta.

Isto é especialmente válido p<ara> Hegel, cuja confiança no poder e alcance da filosofia é plena. A própria história da filosofia converte-se em história da autoreflexão da razão absoluta, pois é a ideia do processo racional q<ue> é a realidade, tomando consciência de si mesma na reflexão filosófica do homem e mediante ela. Por outras palavras, ~~o eu puro concebe-se a si mesmo~~ <a filosofia pode ser concebida> como o **[109]** autoconhecimento do Absoluto.

Assim, nenhum problema está isolado dos outros problemas, nenhum valor dos outros valores, nenhuma forma do ser, das outras formas de ser. Isolar uma forma de ser é condenar-se a não o compreender.

Há dois tipos de inteligibilidade: p<ara> Descartes, uma coisa é inteligível quando é objecto de uma ideia clara e distinta. Cada ideia, separada das demais, traz em si a sua própria inteligibilidade. A unidade do saber não vem da unidade de um princípio de onde se deduziriam todas as formas de ser, mas de um método que liberta (?), pouco a pouco, o nosso campo da visão clara e distinta.

Contrapontos a esta inteligibilidade sistemática do idealismo alemão:

Dizer que uma coisa é inteligível é dizer que a sua ideia tem um lugar num sistema **[110]** racional que, sem ela, seria incompleto, enquanto a ideia, isolada do sistema, pareceria acidental e sem razão. Portanto, explicar uma forma de ser é coordená-la com todas as outras forma de ser de tal maneira que se apoie nelas e, por sua vez, ela as apoie (Br<éhier>, *H<istoire> <de la> P<hilosophie Allemande>*, 97-98).

Esas considerações, se são válidas para o id<ealismo> al<emão> em geral, são particularmente pertinentes para a doutrina hegeliana, a realização máxima do idealismo metafísico. [...]

Outro aspecto do idealismo metafísico ~~que temos~~ de a ter em conta é o seguinte: não foi apenas resultado de uma transformação da filosofia crítica. Os três grandes idealistas - Fichte, Schelling e Hegel possuem uma formação académica de teólogos. Fichte em Jena, Schelling e Hegel no *Stift* de Tübingen.

[111] Hegel chegou à filosofia a partir da teologia. Os seus primeiros escritos foram de carácter teológico e mais tarde irá afirmar, com razão, q<ue> o objecto da filosofia é Deus e nada mais q<ue> Deus, embora as palavra Deus ~~deva~~ possa não ser entendida [...] no sentido deísta. O importante é q<ue> o p<onto> de partida seja o tema da relação entre o infinito e o finito, entre Deus e as criaturas, intentando ver o infinito no finito e o finito no infinito. Como filósofo, tentou mostrar esta relação ao nível conceptual pois p<ara> ele a reflexão filosófica era um modo de compreensão mais elevado q<ue> o modo de pensar próprio da consciência religiosa, mas a raiz da problemática era e é de ordem nitidamente teológica.

Em Fichte, ao princípio preocupado com o problema kantiano da dedução da consciência, mais tarde aparece a ideia de um vida divina infinita e desenvolvem-se os temas religiosos. Schelling afirmou expressamente que o tema da fil<osofia> era a relação entre o divino infinito e o finito os temas da alienação do homem longe de Deus o seu regresso a Deus.

[112] Idealismo e Romantismo. Por vezes aparece a descrição do idealismo germânico como a expressão do movimento romântico na Alemanha. Ora as grandes filosofias idealistas não foram, no plano conceitual, simplesmente a expressão do ideário do espírito romântico. Pelo contrário, as filosofias de Fichte e Schelling, principalmente, é que exerceram considerável influência nos românticos. Mais ainda, os principais filósofos idealistas nem sempre estiveram de acordo com os românticos. Claro que, no respeitante a Schelling, podemos dizer que reflectiu o espírito do movimento romântico, mas Fichte criticou duramente os românticos, apesar de estes se inspirarem nas suas ideias (a ironia em Tieck, o “idealismo mágico” de Novalis).

O termo “filosofia do romantismo” deveria reservar-se para designar as especulações dos românticos Schlegel e Novalis embora, naturalmente, tivesse havido alguma afinidade espiritual entre os movimentos idealistas e românticos. Mas o espírito romântico, enquanto tal, era mais uma atitude perante a vida e perante o Universo do que uma filosofia sistemática.

[113] Convém esboçar os principais caracteres do romantismo alemão. Em oposição à preocupação crítica, analítica e científica do iluminismo (*Aufklärung*) os românticos exaltam a imaginação criadora e o papel do sentimento e da intuição. Em lugar do filósofo aparece o génio artístico. Põe-se em evidência mais a originalidade da pessoa humana do que aquilo que é comum a todos os homens; por isso se insiste no desenvolvimento livre e pleno da personalidade humana, nos poderes criadores do homem e na fruição de toda a possível experiência humana. Daí o desprezo pelas normas universais e uma certa inclinação para o subjectivismo ético e livre desenvolvimento do eu. Friedrich Schlegel fala frequentemente na livre procura pelo indivíduo do seu próprio ideal moral. Fichte transformava a filosofia kantiana em idealismo puro. Na reconstrução sistemática da consciência usou muito a ideia da imaginação produtiva. Novalis fez suas certas ideias que lhe fizeram ver as maravilhas do eu criador.

Os românticos põem o acento no génio criador, mas a concepção romântica da natureza é também muito importante.

[114] A natureza não é considerada como sistema mecânico, o que obrigaria a pôr em relevo os contrastes, as diferenças entre o homem e a natureza (por exemplo Descartes). É a natureza considerada como um todo orgânico ~~correlacionado com o espírito~~ e vivente, em uníssono com o espírito, nimbada de mistério e de beleza como este.

A natureza apresenta-se como um espírito adormecido e o espírito humano é o órgão de consciência da natureza. Schelling tinha ideias parecidas e sobre ele deve ter influenciado o seu companheiro de Tübingen, o poeta Hölderlin.

A natureza chega ao ponto mais elevado do seu desenvolvimento ~~em~~ no espírito humano. Por isso, a ~~apreciação~~ o conceito de natureza, para os românticos, incluía uma apreciação do desenvolvimento histórico e cultural e do significado de períodos culturais anteriores, como momentos necessários do desenvolvimento do espírito humano. Por isso, os românticos se entusiasmaram com o passado (Hölderlin - a Grécia, Novalis - a Idade Média). Em geral os românticos interessam-se pelo popular e as manifestações populares, como a língua.

[115] Fundamentalmente os românticos caracterizam-se pela nostalgia do infinito. Tanto a natureza como a história, tomadas globalmente, são consideradas manifestações da vida infinita, como uma espécie de poema divino.

Esta vida infinita, ou totalidade infinita, é concebida de uma maneira fundamentalmente estética, mas o sentimento romântico do infinito com frequência era um sentimento do indefinido. Esta característica evidencia-se na tendência em apagar a separação entre finito e infinito, e na frequente fusão da filosofia e poesia, e ainda na mistura das diversas artes.

Friedrich Schlegel chegava ao ponto de considerar a filosofia uma forma de religião e ambas se relacionavam com o infinito e mais: todas as relações do homem com o infinito pertenciam ao âmbito religioso. Neste sentido também a arte é religiosa, pois o artista criador vê o infinito no infinito ao captar e expressar a beleza.

Este sentimento de infinito é um traço comum ao romantismo e ao idealismo. A ideia de um absoluto infinito, concebido como vida infinita, é fundamental na **[116]** última filosofia de Fichte. Em Schelling e Hegel também o tema do absoluto é central. Em geral pode dizer-se que os idealistas alemães tendem a conceber o infinito não como algo oposto ao finito, mas como vida ou actividade infinita, que se exprime a si mesma precisamente no finito. Exemplo disso é, como veremos, Hegel.

Embora haja uma afinidade espiritual entre o idealismo metafísico e o romantismo, os filósofos idealistas ocupam-se do pensamento sistemático enquanto os românticos sublinham o papel da intuição e do sentimento e confundem filosofia e poesia.

A transformação inicial da filosofia kantiana em idealismo puro supõe que a realidade deve ser considerada como um processo de pensamento ou de razão produtivos. Ou seja: o ser tem que

ser identificado com o pensamento. O idealismo tem por programa mostrar a verdade dessa identificação e assim poder reconstituir, dedutivamente, a estrutura dinâmica essencial da vida e do [117] pensamento ou razão absoluta.

Por outro lado, desejam esses sistemas idealistas conservar a concepção kantiana da filosofia como pensamento reflexivo, consciente da sua actividade espontânea, a reflexão deve apresentar-se como auto-consciência da razão absoluta da mente humana.

A realização deste programa tropeçou com muitas dificuldades q<ue> não vamos neste momento enumerar. Fichte e Schelling introduziram modificações nos seus sistemas, prova da dificuldade em realizar o programa do Idealismo; pode-se dizer q<ue> <nem> com Fichte <nem> com Schelling o ser ficou reduzido ao pensamento.

Hegel foi o filósofo> cujos esforços para cumprir este programa foram mais eficazes. Afirmou que todo o real é racional e todo o racional é real. Para ele a mente humana tem aspectos finitos, mas é infinita no sentido de ser capaz de se elevar a um nível pensamento absoluto tal que o conhecimento que de si mesmo o absolu]to se identifica com o conhe[118]cimento humano do Absoluto.

Bastam estes pontos para caracterizar por agora o idealismo post-kantiano. Depois de estudarmos *ex-professo* Fichte, Schelling e Hegel, de molde a caracterizar o seu conceito de filosofia e sua [...] metódica, poderemos fazer uma ideia mais ampla e profunda da estrutura genérica do idealismo> alemão.

Fichte

Bibliografia

Bibliografia quase toda em alemão e desta só uma pequena parte traduzida p<elas> línguas românicas < : >

Obras principais : *Oeuvres choisies de philosophie première*, trad. De Philonenko, Vrin, 1964 (contém as exposições mais acessíveis da teoria da ciência)

A grande edição crítica (ver no Inst<tituto> <de> Fil<osofia>) está agora a sair sob os auspícios da Acad<emia> de Ciên<cia> de Munique

[119] *Primeira e Segunda Introd<ução> à Doutrina da Ciência*, R<evista> Occidente

Initiation à la vie bienheureuse - Paris 1944

La destination de l'homme - " 1942

De la destination du savant - “ 1938

= Bibliografia sobre Fichte =

N. Hartmann - *A filosofia do idealismo alemão*

R. Körner - *Von Kant bis Hegel*

Delbos - *De Kant aos post-kantianos*

X. Léon - *Fichte et son temps*, 3 vols, nova ed. 1954-59

X. Léon - *La phil<osophie> de Fichte*

M. Geroult - *L'évolution e la structure de la doctrine de la science chez Fichte*, 2 vols, 1930

Maréchal - *Le point de départ <de la métaphysique> - vol. IV. Le système idéaliste chez K<ant> et les postkantians [...]*

L. Pareyson - *Fichte*, 1950

H. Heimsoeth - «Fichte», *Revista de Occidente*

F. Copleston - *Hist<ória> da Fil<osofia>*, vol 7º

A. Rivaud - *Hist<oire> de la philosophie*, tomo V, 1ª parte